

Os desafios da Extensão Universitária durante e pós-pandemia da COVID-19

com Olgamir Amancia

The challenges of University Extension during the post-COVID-19 pandemic

with interviewee Olgamir Amancia

Olgamir Amancia Ferreira¹

Fabiana Lazzarin²

Ricardo Aladim Monteiro³

A pandemia provocou diversas mudanças e trouxe desafios para o contexto da Extensão Universitária.

Com o objetivo de trazer uma reflexão a respeito desses desafios durante e pós-pandemia, entrevistamos a professora Doutora e Mestra em Educação Olgamir Amancia, que também é vice presidenta do Fórum de Pró-Reitorias de Extensão (FORPROEX) e Coordenadora do Colégio de Pró-Reitores de Extensão (COEX/Andifes).

Palavras-chave: Extensão Universitária. Desafios da extensão na pandemia. COVID-19.



¹ Vice presidenta do Fórum de Pró-Reitorias de Extensão (FORPROEX) e Coordenadora do Colégio de Pró-Reitores de Extensão (COEX/Andifes). Doutora em Educação pela Universidade de Brasília (UnB). E-mail: olgamancia@gmail.com

² Pró-Reitora de Extensão da Universidade Federal do Cariri (PROEX/UFCA). Mestre em Ciência da Informação pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). E-mail: fabiana.lazzarin@ufca.edu.br

³ Editor-chefe da Revista EntreAções: diálogos em extensão. Mestre em Administração pela Universidade Potiguar (UnP). E-mail: ricardo.aladim@ufca.edu.br

Revista EntreAções: Observamos que o mundo mudou com a pandemia e que certamente teremos novas formas de se relacionar e de conviver. O que se espera da extensão no período de pandemia e, principalmente no período de transição pós-pandemia da COVID-19?

Olgamir: As mudanças provocadas pela pandemia são múltiplas em decorrência tanto da crise sanitária quanto da crise política e econômica, cuja repercussão tem modificado substantivamente as relações humanas.

Na formação acadêmica, especialmente no âmbito da graduação, a extensão é a dimensão que se realiza a partir da implicação direta com as necessidades das pessoas, especialmente daquelas que pertencem aos setores mais fragilizados social e economicamente. Necessidades que são apreendidas a partir do diálogo entre a universidade e a sociedade. Historicamente essa interação dialógica se concretiza por meio das trocas e partilhas resultantes da convivialidade entre os sujeitos envolvidos sejam os/as acadêmicos/as, sejam os membros da comunidade externa. O diálogo é, pois, elemento central da extensão.

Com o distanciamento social imposto em decorrência da pandemia, os extensionistas foram premidos a buscarem outras formas de interação para que não houvesse ruptura nesse diálogo. Certamente são muitos os desafios, mas, também aprendizagens resultaram deste contexto de distanciamento físico, de maneira que ao final desse processo novos métodos e técnicas serão incorporados às práticas extensionistas, mas aquilo que é basilar para a extensão não desaparecerá sob pena dela deixar de ser o que é. Por ser a expressão pública da universidade, é certo afirmar que a extensão será continuamente mobilizada a enfrentar as incertezas deste e de outros momentos, se posicionando estrategicamente de modo a evitar que a educação superior se afaste de sua função social, do seu sentido humano e transformador.

Revista EntreAções: Na sua opinião, com relação aos projetos que continuaram em atuação durante o período da pandemia do COVID-19, quais os principais desafios, oportunidade e o nível de envolvimento da comunidade com estes projetos?

Olgamir: Para atuarem na pandemia os projetos tiveram que fazer várias adaptações. O primeiro grande desafio foi trabalhar em contexto de não presencialidade e convivialidade, sem abrir mão da interação dialógica. Nesse sentido, foi grande o esforço por buscar plataformas digitais que oportunizassem alguma interação, assim como a busca incessante e criativa por outras metodologias pedagógicas. De maneira geral, os/as extensionistas conseguiram ampliar substantivamente o público alcançado pelas inúmeras agendas, entretanto, o público específico de projetos vinculados aos setores mais fragilizados socialmente foram os que menos conseguiram ser alcançados, tendo em vista que o acesso à internet ainda é uma possibilidade restrita a determinados segmentos da população. Os setores mais fragilizados que são, em grande medida, universo de atuação privilegiada da extensão universitária não possuem internet com capacidade para atividades mais robustas, limitando e/ou impedindo, dessa maneira, que estes grupos fossem alcançados pelas ações desenvolvidas durante a pandemia.

Por isso, ao mesmo tempo que a universidade se deu a conhecer para um universo social mais amplo a partir dos conhecimentos científicos por ela produzidos, por outro tem enfrentado grandes obstáculos para atingir a todos o que remete ao entendimento, que na contemporaneidade o acesso à internet assume condição de uma necessidade humana, portanto, a universalização do seu acesso deverá compor a pauta das ações de extensão a partir de agora.

Revista EntreAções: Tendo em vista sua posição no colégio ANDIFES como você avalia o cumprimento dos princípios definidores da extensão (relação dialógica, interdisciplinaridade, articulação com a pesquisa e resultado transformador) durante o período da pandemia do COVID-19?

Olgamir: Contraditoriamente diria que a premência por respostas demandadas em decorrência da COVID-19, oportunizou uma aproximação

maior entre pesquisa, inovação e extensão. Pedagogicamente, a pandemia reposicionou o entendimento que as respostas às situações de elevada complexidade não são possíveis se forem buscadas de forma isolada, numa área de conhecimento ou setor técnico específico, mas sim pela associação de vários campos de saber e de inúmeras técnicas. Em decorrência dessa compreensão, foram estruturados novos fluxos de tramitação dos projetos e ações mais ágeis e eficazes, o que implicou no aumento significativo de iniciativas cujas equipes foram organizadas multidisciplinarmente, com atuação interinstitucional e de forma célere tendo em vista o alcance e a velocidade do processo de contaminação pela COVID-19. A atuação em redes passou a ser uma das formas mais recorrentes de atuação entre instituições e pesquisadores/as que resultou não apenas em maior quantidade, mas na qualidade de ações produzidas pelas instituições federais de educação superior em todo país. Nesse sentido, a tese extensionista de defesa da interdisciplinaridade, da interprofissionalidade e da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão passou a ser assumida, também por outros membros da comunidade acadêmica.

O portfólio de projetos nas páginas das instituições, especialmente das universidades federais, atesta esse entendimento consubstanciado em projetos, programas e redes que expressam não apenas a competência técnica das comunidades acadêmicas envolvidas, quanto o compromisso social das instituições públicas com o conjunto da população.

Revista EntreAções: Como você avalia as condições de não-presencialidade da Extensão? É possível manter a qualidade das diferentes modalidades e de ações de extensão à distância?

Olgamir: A não presencialidade certamente se constitui um problema para a extensão universitária. Para essa dimensão de formação acadêmica o estar junto, o conviver oportunizam experiências que são inalcançáveis pelas plataformas digitais por mais desenvolvidas que sejam. O estar junto permite apreender efeitos da estética corporal, ritmos e cheiros que evidenciam mais do que é possível ser aprendido apenas na troca de olhar

mediado pela plataforma. Nesse sentido, é certo dizer que a qualidade desejada não é a mesma. Entretanto, qualidade não é um conceito que possa ser construído de forma atemporal, a-histórica. No contexto que vivemos de tantas incertezas, onde o distanciamento social se transforma em “modo de vida”, em medida absolutamente necessária para a preservação da saúde, onde o uso de máscaras e outros Equipamentos de Proteção Individual (EPI), também passam a compor as relações sociais, é necessário que busquemos enfrentar esta realidade para nos posicionarmos diante dela. Por isso, penso que ao assegurar a continuidade dos projetos, ao não nos limitarmos a espera de retomada do contexto anterior e, contrariamente ao nos posicionarmos interferindo sobre a realidade, introduzindo adequações de tempo, de espaço, de forma etc., reorganizando o nosso modo de agir para que a universidade pudesse cumprir o seu compromisso com a sociedade de produzir uma ciência engajada, penso que alcançamos uma qualidade distinta, que não pode ser comparada com a anterior, uma qualidade necessária ao momento que vivemos.

Revista EntreAções: Observa-se durante a pandemia do COVID-19, muitas ações realizando trabalhos solidários, (exemplos: arrecadação e doação de alimentos, auxílio psicológico, fabricação e doação de máscaras e de álcool gel, etc.). Quais os cuidados que extensionistas devem ter para não transformar a extensão em uma filantropia?

Olgamir: De fato essa é uma preocupação importante. Primeiro não se pode perder de vista que extensão é dimensão acadêmica, formativa que indissociável da pesquisa e do ensino, oportuniza a formação de qualidade na educação superior. Nesse sentido, ainda que se possa realizar práticas assistenciais ou de prestação de serviço no decorrer de uma atividade Extensionista, essa perspectiva é desdobramento e não a essência da ação. A extensão é essencialmente atividade formativa de caráter transformador. O assistencialismo, a filantropia não se propõe à transformação, mas apenas a mitigar os efeitos deletérios, é relação de A para B, não é interação que interroga e se desdobra em alteração das

estruturas que geram as condições de vulnerabilidade, ou seja, amortece os efeitos, não explora as contradições para transformar.

Por outro lado, as atividades de extensão se caracterizam por serem construídas de forma dialógica, interdisciplinar e interprofissional, se desdobram em transformações dos sujeitos envolvidos, assim como das práticas e territórios atravessados por elas. Coloca em xeque o instituído ao buscar as causas do fenômeno. Promove transformações que partem de diferentes pontos, sujeitos, mediações e interações e resultam em melhoria na qualidade de vida das pessoas e do planeta.

Revista EntreAções: De repente muitos extensionistas que não executavam nenhuma ação de forma remota ou não tinham conhecimento de tecnologias foram obrigados a readequar ou suspender suas atividades. Na sua visão, como foi esse processo no começo e como está sendo agora, quase um ano após o início da pandemia?

Olgamir: Como dito anteriormente a extensão é fundamentalmente presencialidade e convivialidade, o que não impede o uso de tecnologias digitais ou outros recursos e ferramentas de comunicação, mas ainda que muitos projetos já utilizassem essas ferramentas para ampliar a potência de suas ações, essa não era uma iniciativa tão recorrente no âmbito da universidade, especialmente na extensão.

No contexto pandêmico, inicialmente observou-se uma maior resistência por parte dos Extensionistas ao uso das tecnologias para a construção do diálogo. Sair da zona de conforto, do modo de agir a que estamos acostumados não é algo simples, talvez por isso os limites interativos eram apresentados com mais ênfase que as possibilidades. Por outro lado, a extensão é antes de tudo compromisso com a produção de um conhecimento engajado, é ousadia e ruptura com o modelo fragmentado e antidemocrático de produção de conhecimento presente na inspiração catedrática de nossas universidades. Por isso, a resistência inicial foi prontamente enfrentada e superada pelos extensionistas que passaram a buscar com os elementos da realidade, construir novas formas de interação, de maneira que podemos dizer que uma das aprendizagens resultantes da pandemia para a extensão é a incorporação de mecanismos

não presenciais a sua agenda. Certamente novas formas de interação mediadas pelas plataformas digitais serão incorporadas a partir de agora às práticas extensionistas. Entretanto, importa destacar que a presencialidade e a interação dialógica e transformadora continuam sendo o fundamento sobre o qual se assentam as bases da extensão universitária.

Revista EntreAções: Como pensar a extensão de tal forma que possam ser criados campos de mediação e articulação da Universidade com a sociedade nesse período de pandemia da COVID-19?

Olgamir: O caminho para a construção das mediações é o caminho do diálogo. Diálogo com o setor produtivo, com os entes públicos, com os grupos fragilizados social e economicamente e o diálogo interno à própria universidade e com outras instituições de ensino superior. Entretanto, este contexto pandêmico exige formas e tempos distintos para a concretude da interação, cujos diálogos serão mediados pelas tecnologias de comunicação desde as mais sofisticadas como as plataformas digitais, às ondas de rádio e tv recorrentemente utilizadas pelos extensionistas. A urgência das respostas exigiu mudanças nos protocolos de institucionalização e realização das atividades de extensão. No decorrer da pandemia as instituições foram premidas à reorientar os seus fluxos e procedimentos, como tem sido observado na quase totalidade das Instituições de Ensino Superior (IFES). Este movimento tem assegurado maior agilidade e eficiência para responder num tempo radicalmente diferente daquele a que estão acostumadas, entretanto atentas ao que caracteriza a extensão.

Outra questão observada foi a exigência de práticas solidárias, coletivas na construção das respostas. A pandemia provocada pela COVID-19, pelo nível de complexidade, o grau de incertezas e os impactos produzidos exige respostas a partir das múltiplas dimensões da formação: ensino, pesquisa, inovação e extensão. Nessa perspectiva, exige uma articulação interinstitucional mais acentuada, possivelmente esse entendimento orientou a consolidação de várias redes de atuação tanto internas às instituições, quanto entre diferentes instituições regional e nacionalmente.

A articulação e mediação desses campos foi assumida de forma protagonista pela extensão universitária. Pelo seu caráter interativo e dialógico, atuou de forma ousada no fomento e articulação das redes, não à toa os editais conjuntos tem sido uma prática recorrente nestes tempos, assim como as chamadas prospectivas. Duas medidas que desafiam os acadêmicos à proposição das ações e a articulação com diferentes campos sociais (governamentais, empresariais) com vistas a afirmar o compromisso social destes entes, diante dos ricos e variados portfólios de projetos constituídos ao longo destes quase 10 meses de sofrimento a que a população está submetida. Importa destacar que nesses portfólios constam, também, agendas que não demandam fomento, mas se revestem de caráter educativo fundamental para o enfrentamento da COVID-19 e que devem ser assumidas pela sociedade.

Enfim, é certo afirmar que o contexto pandêmico impôs uma articulação ainda mais forte entre ensino, pesquisa e extensão, assim como intensificou a articulação entre diferentes espaços sociais constituindo campos de interlocução permanente como forma de potencializar as ações e alcançar os resultados desejados.

Olgamir Amancia Ferreira: Doutora em Educação pela Universidade de Brasília (PPGE/FE/UnB); Mestre em Educação pela UnB (2002); Graduada em Licenciatura Plena em Ciências, com habilitação em Matemática pelo Centro de Ensino Superior de Brasília (CESB). Também é vice presidenta do FORPROEX e Coordenadora do COEX/Andifes.

Lead: The pandemic caused several changes and brought challenges to the context of University Extension. In order to bring a reflection on these challenges during and post-pandemic, we interviewed Professor Doctor and Master in Education Olgamir Amancia, who is also vice president of the Forum of Extension Pro-Rectories (FORPROEX) and Coordinator of the College of Pro -Rectors of Extension (COEX / Andifes).

Keyword: University Extension. Challenges of extension in the pandemic. COVID-19.

Trabalho submetido em: 17 jan. 2021.

Aceito em: 19 jan. 2021.



Av. Tenente Raimundo Rocha nº 1639
Bairro Cidade Universitária – Juazeiro do
Norte – Ceará – CEP 63048-080

ufca.edu.br



Esta obra está licenciada com uma Licença [Creative Commons 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/).



proex.ufca.edu.br

periodicos.ufca.edu.br/ojs/index.php/entreacoes

+55 (88) 3221-9286

e-ISSN 2675-5335